O degelo na Antártida é uma preocupação crescente à medida que evidências científicas apontam para um aumento significativo no derretimento das calotas de gelo e glaciares na região. Este fenómeno, impulsionado principalmente pelo aquecimento global, tem consequências dramáticas não apenas para o ecossistema local, mas também para o equilíbrio climático global.

Como afirma uma investigadora da Universidade de Lisboa “Tudo o que acontece na Antártida, não fica na Antártida”. Efetivamente, os efeitos negativos que este continente sofre vão-se repercutir noutros pontos do globo.

Em Portugal os estudos apontam para a subida das águas do mar, algo que a população já está habituada a ouvir, porém, a realidade é mais negra e complexa se pensarmos para lá da mera subida do nível da água do mar.

Os efeitos económicos que poderão surgir serão, certamente, nefastos e de muito difícil resolução quer a curto, médio ou longo prazo. Basta pensarmos que uma parte do PIB (quase 20%) tem origem no turismo, significando que a economia portuguesa está algo dependente deste setor.

As várias instâncias balneares, assim como as populações que vivem junto à costa serão prejudicadas, resultando em prejuízos incalculáveis, atendendo também ao facto de Portugal ter uma economia muito centrada nas zonas litorais.

Podemos ainda pensar na biodiversidade que caracteriza alguns locais no nosso país, como o estuário do Tejo, do Sado, do Mondego, entre outros, que sofrerão, inevitavelmente, consequências irreversíveis e trágicas.

De facto, todos os setores da economia portuguesa sofrerão consequências que vão pôr em causa a economia e a sociedade, algo que, no entanto, é alvo de pouca preocupação pela população geral e classe política, ainda que seja um fenómeno exponencial e irreversível, ou seja, caminhamos, de facto, para uma realidade trágica.

Mas o degelo na Antártida provoca ainda uma desregulação do clima global, algo que também se tem feito sentir. Verões mais quentes e secos já se estão a fazer sentir, secas prolongadas e severas também, trazendo fenómenos atmosféricos adversos, que são também outra consequência.

Frequentes nos últimos anos, as poeiras vindas do Sahara, são também uma consequência que indiretamente é desencadeada pelo degelo (curioso como, de facto, tudo o que acontece na Antártida VAI TER efeito no resto do globo), isto porque este fenómeno é mais comum em meses secos e quentes.

Além dos impactos ambientais, o degelo na Antártica abre caminho para uma nova fronteira de exploração económica. Cobiçada e reivindicada por países e empresas, este continente está a ser, cada vez mais, alvo de interesses para explorar os recursos naturais da região, como minerais, petróleo e gás, que certamente terão impactos ambientais graves e que acelerarão, ainda mais, o processo de degelo e afetação dos ecossistemas.

Quanto a este facto não importa esquecer que o continente da Antártida é neutro, isto é, não é detido por nenhum país, ainda que amplamente disputado e reivindicado por vários países, sendo apenas permitida a livre exploração científica do continente, em regime de cooperação internacional, desde a assinatura do Tratado da Antártida, em 1959.

A pesca intensiva foi durante alguns anos amplamente discutida, desrespeitando o tratado da Antártida. A rica biodiversidade marinha da região atrai pescadores de todo o mundo em busca de espécies como o krill, um importante alimento para grande parte da vida marinha na região.

No entanto, a pesca excessiva representa uma séria ameaça para os ecossistemas marinhos frágeis da Antártica, podendo levar à diminuição das populações de animais marinhos e desequilibrar toda a cadeia alimentar.

Atualmente não se verificam os níveis de captura que se verificaram na década de 80, não olvidando que há, ainda, alguns países que continuam a pratica-la contra o direito internacional.

Outra atividade que ao longo dos anos tem crescido é o turismo na região. Ainda que bastante regulada, existem companhias e embarcações que não se uniram aos acordos e praticam essa atividade por sua conta, significando riscos acrescido para um ecossistema frágil e único.

Por outro lado, o turismo efetuado por navios e outras embarcações é muito poluente, gerando resíduos sólidos, poluição sonora e emissões de gases de efeito estufa, afetando todo o ecossistema da região. Ainda é mais preocupando tendo em conta que há um crescimento grande na afluência de turistas para aquela região.

Para lidar com esses desafios, é fundamental uma abordagem equilibrada, mas que nunca tenha a visão económica daquele continente, tendo sempre como fundamentel a proteção do meio ambiente antártico. Os governos e organizações internacionais têm um papel crucial a desempenhar na implementação de medidas de conservação e proteção.

A Convenção para a Conservação da Fauna e da Flora Marinhas Antárticas (CCAMLR) é um exemplo importante na cooperação internacional para a proteção do ecossistema marinho da Antártica, visando conservar os recursos marinhos da região e garantir a sustentabilidade das atividades de pesca.

Além disso, é necessário investir em pesquisa científica para monitorar e compreender os impactos do degelo e da exploração económica na Antártica. A cooperação internacional e a partilha de dados são fundamentais para uma gestão eficaz e sustentável dos recursos antárticos.

Proteger o ecossistema único da região é crucial não apenas para o futuro da Antártica, mas também para o equilíbrio ambiental e climático do planeta como um todo.